

SANTO ANTÔNIO E NOSSA SENHORA DO CARMO: CONFLITO NO PADROADO DA CIDADE DO RECIFE.

Paulino Ferreira de Paiva Neto

Mestrando em História pela UNICAP

paulinofpn@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho se destina analisar o movimento religioso em Recife na discussão de quem teria o merecimento de ser o padroeiro da capital pernambucana, período este que relacionou entre os anos de 1908 a 1919. Tal repercussão mexeu com o cotidiano da cidade do Recife que envolveu o papel das ordens Carmelitas e Franciscanas sob a questão dos padroeiros como também o embate entre os Franciscanos e Carmelitas na escolha dos padroeiros pelo qual mobilizou a população e a imprensa local. No âmbito local sobre o padroado da cidade, iniciou-se um processo de comentários entre os fiéis e simpatizantes religiosos através de manifestações verbais públicas ou não ao movimento do sagrado e profano da população. Um caráter simbólico que caracterizou a crescente devoção de Nossa Senhora do Carmo na possibilidade de ser padroeira da cidade do Recife. Onde assinaturas foram colhidas pelos representantes carmelitas no intuito de solicitar ao sumo sacerdote uma padroeira ou co-padroeira da Cidade na qual coroada em 1919 como tal pelo devotos em plena praça pública. Pois desde o século XVI, Recife já tinha um padroeiro Santo Antônio cuja igreja foi erguida pelos franciscano na ilha de nominação homônima do referido santo. A partir deste esboço histórico do século XX, este artigo visará um pouco o sentido interessante de um conflito de patronos simbólicos religiosos e profanos de um povo através das atuações e motins jornalísticos e populacionais que abrangeu muitas manifestações no panorama de uma cidade chamada Recife.

Palavras-Chave: padroeiro, co-padroeira, Recife.

Aglomeração da idealização de proclamar um patrono ou uma padroeira na cidade do Recife.

Em 15 de agosto de 1195 numa habitação próximo a Sé de Lisboa nasce Fernando Martins, denominado mais tarde de Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua.[1] Desde sua infância frequentou boas escolas de ensino anexados ao clero. Posteriormente nos arredores de Lisboa, em sua adolescência entra no convento de São Vicente de Fora como Cônego Regente de Santo Agostinho onde permaneceu ao serviço eclesiástico durante dois anos. Tempo mais tarde, destina ao mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, que ficou por oito anos (Martins, 1983, p. 21-22).

Todavia, Em pleno século XIII, o mundo atravessava momentos de declínios eclesiásticos e morais. Pois entre uns dos acontecimentos relacionava aos padres revoltosos as ordens papais. Contudo, em 1206 surgi a Ordem dos Dominicanos e a Ordem Franciscana. Todavia, em 1277, a Rainha Urrach institui o convento de Santo Antão dos Olivais, próximo da cidade de Coimbra cujo convento pertence aos Frades Menores de São Francisco. Pois anos depois, Fernando Martins observando tal situação dos seus irmãos franciscanos mendigarem, enquanto o mesmo vivendo em uma confortável condição; decide deixar a riqueza de Santa Cruz e passa a viver por vontade própria da pobreza de Santo Antão junto com os seu novos irmãos franciscanos. Seu falecimento ocorre em Pádua em 13 de junho de 1231. Seu sepultamento foi na Igreja de Santa Maria Mãe de Deus cujo seus restos mortais encontra-se atualmente na Basílica de Santo Antônio, em Pádua desde 1263. Em 30 de maio de 1232, o papa Gregório IX ascende um clamor para sua santificação na qual manifesta os seus sentimentos dizendo: “Ninguém na igreja conhece melhor a sagrada escritura como frei Antônio. Ele é a Arca do testamento, o tesouro da sagrada escritura” (Martins,1984, p. 26-61). Em 1580, os franciscanos chegam em Olinda- primeira capital pernambucana- onde fundam um convento cujos estudos eram de ensino filosófico-teológico (Honoaert,

[1] Provavelmente a designação do sobrenome relacionado ao santo vem do lugar de origem e do seu desenlace. (Martins,1983. P. 21-61)

Eduardo, 2008, p. 215-216). Entre fins do século XVI e início do século XVII chegam ao Recife (Muller, 1984, p. 3-6).

"Ut lucead amnibus", tal frase escrita em latim registrada na parte superior a imagem de Santo Antônio registrado em um alvará dos Estatutos da Companhia Geral do Comércio de Pernambuco e Paraíba, datado em 13 de junho de 1759 como único documento oficial referente ao Santo Antônio de Pádua como padroeiro de Pernambuco, e também em um escrito holandês de 1645, declarando Santo Antônio como patrono de terras pernambucanas. Todavia, em alguns jornais eclesiásticos designado ao bispo de Pernambuco nos anos de 1829 menciona como padroeiro da província (Costa,1984, p. 183-187).

No entanto, diante do crescimento da devoção dos recifenses com Nossa Senhora do Carmo a população foi convocada no dia 6 de julho de 1908, para uma celebração no centro da cidade quando um abaixo assinado foi entregue ao Bispo Dom Luís Raimundo da Silva Brito da Diocese solicitando que a santa fosse proclamada padroeira dos recifenses. Diante da situação o prelado enviou para papa Pio X o citado documento (André Prat, 1939, p.2).

Contudo, de acordo com a fé do povo, a análise contida neste artigo, as raízes espirituais litúrgicas da igreja é em princípio pelos sacerdotes e religiosos e posteriormente nas práticas populares litúrgicas e espirituais da igreja caracterizada pela classe mais baixa da população. Pois, o catolicismo popular latino ou holístico do catolicismo popular não deriva apenas de análises teológicas e epistemológicas mas também de suas históricas perceptíveis. Isto é, o catolicismo popular é a maneira que o cristianismo latino, duplamente derrotado na história acharem mais significativa para a afirmação e sobrevivência de sua identidade cultural e de sua herança e vida de fé (Espín,2000, p.20-112).

A manifestação católica do Recife em inúmeros, com o passar dos tempos cujo fato foi incontestável, estrondosamente a devoção à Excelsa Maria Santíssima sob a invocação a Nossa Senhora do Carmo que crescia cada vez mais (André Prat. 1939, p. 5).

A existência de limitações nas manifestações da religião popular não pode ser indício de aceitação contra o papel da religião do povo como portadora da tradição (Espín,2000, p.150). No entanto, devemos entender que as limitações não contestam a legitimidade

fundamental das outras testemunha da tradição cristã. Contudo, a cultura não existe em um vácuo histórico. Ela nasce na sociedade e da sociedade em processo dialético. Toda sociedade humana cria cultura e toda cultura, por sua vez, entra no processo que cria a sociedade (Espín,2000, p. 156). Tal manifestação popular recifense, como já foi dito antes: originou-se no dia 12 de julho de 1908 pelo qual já estava prevista uma romaria em direção ao Palácio da Diocese que partira do itinerário Largo do Carmo cujas comissões organizadoras destacadas em seus estandartes foram a "Liga Marítima Brasileira" e o "Monte Pio Popular". A petição do povo foi entregue ao Bispo D.Luiz que em sua varanda na sacada do palácio comprometeu respeitosamente em defender o interesse a causa ao Santíssimo Pontífice Pio X na ocasião em sua próxima viagem a Roma (André Prat,1939, P. 8-9).

A devoção a Nossa Senhora do Carmo iniciou-se no Estado de Pernambuco a partir da chegada dos Freis Alberto de Santa Maria, Bernardo Pimentel, Antônio Pinheiro e Domingos Freire no ano de 1580. No entanto, foram os primeiros carmelitas que aportaram no Brasil. Pelo qual ergueram o primeiro convento na cidade de Olinda titulado como nascimento da Ordem Carmelita no Brasil. Todavia, ano mais tarde, no convento do Carmo do Recife, precisamente no ano de 1909 foi Nossa Senhora do Carmo "oficialmente"[2] e solene proclamada, entre santos transportes de júbilo, excelsa Padroeira do Recife que, dez anos mais tarde, nesse mesmo local celebra-se a solene glorificação católica sob o título do Carmo, padroeira do Recife (Casanova,1997, p. 7-14).

Contudo, na fundação da Capela-mor da Igreja do Convento do Carmo do Recife[3], atualmente, Basílica Menor, levantada nos meados do século XVII cuja edificação efetuada no povoado de Santo Antônio, nas imediações desta construção, o Frei

[2] Oficialmente: expressão usada para designar, conforme às ordens legais eclesiásticas, de dizer que ela à padroeira do Recife, Nossa Senhora do Carmo, também seria um símbolo do sagrado e profano da sociedade recifense. Pois, desde da fundação, no distante século XVI, Santo Antônio de Pádua já era o principal patrono da cidade do Recife (Costa,1976, p.86).

[3]A gesta eclesiástica sob a construção da Igreja do Carmo do Recife, sua estruturação foi erguida no Bairro de Santo Antônio, o antigo arquipélago de Marcos André e São José (Artigo de Lemoine Neves & Mendonça Junior da Revista Eletrônica da Faculdade de Ciências Humanas) cuja construção sobre o velho palácio da Boa Vista que John Mauritiz Von Nassau ordenou construir como sua casa campestre. Também encontrada em certa descrição de Schoonzigton , Schoonzigth ou Schoozit (Pereira da Costa,1976, p.127-128).

Francisco Vidal de Negreiros, fundador do Carmo do Recife, primeiro vigário Prior da incipiente comunidade carmelitana do Recife, ergueu um oratório em dedicação íntima à Rainha do Carmelo. No entanto, o culto a devoção à Virgem Santíssima do Carmo foram aumentando em tempos em tempos. Cultuada, segundo a tradição, desde o antigo reino lusitano pelos missionários carmelitas. As práticas religiosas a Virgem Mãe de Deus do Monte Carmelo propagaram de tal dignidade que as sublimes honras de devoção ocasionou a fundação à confraria do Santo Escapulário (Casanova,1997, p. 17-18).

Todavia, a festa religiosa é uma gesta sagrada, isto é, uma reatualização dos mitos, pois o homem religioso esforça-se na aproximação do divino como também na participação do ser. A imitação dos modelos exemplares divinos exprime de imediato, o desejo de santidade e a própria nostalgia ontológica. Pois, a reautilização do mesmo tempo sagrado é um encontro ás fontes do sagrado e do real pelo qual a existência humana lhe parece salvar-se do nada e da morte (Eliade, 1992, p. 93-94). Porém, tempo este muito difícil que a instituição católica brasileira vivenciava, a separação Estado-Igreja, que buscava o fortalecimento do clero, pois a igreja estava perdendo espaço na sociedade, e não obtia crescimento sobre o poder público como também o fim do padroado no Brasil. Contudo, a instituição católica brasileira iniciou a implantação e restauração das antigas ordens religiosas, entre instituições monásticas à escolas eclesiásticas apostólicas (Araújo,2007, p. 135-143).

Todavia, a igreja preocupou com a consolidação das reformas internas. No entanto, em 1916, Dom Sebastião de Leme, recém – nomeado Arcebispo de Olinda e Recife publicou uma carta pastoral que chamou muito atenção relacionado a fragilidade da igreja institucional, nas práticas religiosas populares, na carências de padres, o estado precário da educação religiosa, a ausência de intelectuais católicos, a limitada influência política da igreja e sua depauperada situação financeira que o Brasil era uma nação católica cuja circunstância seria o momento certo para a igreja marcar mais ainda sua presença na sociedade (Araújo,2007, p. 142).

O debate público contra e a favor da proclamação.

Após essa manifestação popular católica recifense, a imprensa local agiu diante da sociedade as manchetes prol e contra que relevou a discussão do patronado sagrado da

cidade do Recife. Por um lado Santo Antônio de Pádua, padroeiro do Convento jus do mesmo nome, passando para a ilha; denominada antes Ilha dos navios ou de Marcos André, posteriormente de Antônio Vaz ou Belchior Alves conforme ao proprietário das terras, consequentemente da vila, do bairro, da cidade, da província, do Estado e da Arquidiocese de Olinda e Recife. Todavia, na era do Brasil- holandês em Pernambuco, perdeu o dito nome ao batismo calvinista - oficialmente declarado por Nassau – pela nomeação Mauritssad.[4] Tais comentários de época passaram a existir, constatados em documentos antigos de vários autores, entre eles Pereira da Costa que manifestou de ser além de ser patrono da Capitania de Pernambuco também era patrono dos porcos[5]; e de Sebastião Galvão que cita uma dedicada homenagem ao Santo Antônio o batismo do arco[6] no breve discurso.

Enquanto por outro lado, a venerada Virgem do Carmo padroeira dos carmelitas e padroeira da capital pernambucana pela fé apostólica dos fiéis recifense mas ao mesmo tempo co-padroeira da Veneza Americana cujo título somente foi possível em estar juntamente com Santo Antônio no ano de 1909 cuja coroação registrada e proclamada dez anos depois pelo Papa Bento XV, datado em 21 de setembro de 1919. Em que também constituía um arco em sua homenagem do outro lado da mais antiga ponte das américas (Prat,1939, p.11-22).

O debate ocorreu por diversos fatores: a primeira por iniciar pela imprensa local a excitação popular, precisamente, do povo católico recifense a causa dos patronos da cidade. Por um erro ou não de uma divulgação pública, deixou marcada na história esse fato pernambucano. A segunda, pela falta de comunicação entre as ordens carmelitana e franciscana que um mal-entendido de informação, transferiu todo um problema cultural

[4] Denominação dada nova cidade, nos tempos do Príncipe John Mauritiz von Nassau, pois o mesmo se sentia tão amado pela população como o próprio Santo Antônio por isso batizou a cidade de Mauritssad que quer dizer Maurícia em português, homenageando assim, o seu próprio nome como o novo governador de Pernambuco.

[5]Termo português ou Spekjan no encontro ao Santo Antônio de Pádua e de São Francisco de Assis, digam no purgatório o qual o gosto das salsichas que os flamengos estão fazendo dos porcos de Santo Antônio. Cuja comparação se refere a Santo Antão ou Santo Ermitão à margem do Rio Nilo no expressar de J. Gonçalves Maia: "Os animais da História Sagrada." (Mueller, 1984, p. 153).

[6] O Arco de Santo Antônio, monumento artístico que marcava o começo da Ponte Holandesa-batizada também com o próprio nome do governador holandês- um portal em pedra na fachada da ponte que foi consagrado ao santo padroeiro da cidade recifense.

ao povo pernambucano, fundamentalmente a população recifense. E também, entre outros, o comunicado papal com o povo da cidade do Recife.

Entre artigos e manchetes destacam alguns trechos de jornais de grande referência na época: A Província, datado no ano 1908, o seguinte fragmento:

> "...como bom católico e devoto da Virgem Santíssima da Conceição não posso deixar de protestar contra a ideia de pedir-se ao Santo Padre Pio X para canonizar padroeira de Pernambuco a Virgem do Carmo, quando a Virgem da Conceição é a padroeira de todo o Brasil e Santo Antônio o padroeiro de Pernambuco" (Prat,1939, p. 16).

Tal comunicado verbal veio a ser transcrito em latim numa carta papal mas traduzido no português, declarando pelo Reverendíssimo Arcebispo de Olinda a proclamação à Nossa senhora do Carmo, Padroeira:

> "O Reverendíssimo Senhor D. Luiz da Silva Brito, Bispo de Olinda representando os votos escritos e expressos nas assinaturas tanto do clero, como do povo da cidade vulgarmente denominada Recife, sujeita à Diocese Olindense, humildemente rogou ao santíssimo senhor nosso papa Pio X, que se dignasse declarar a beatíssima Mãe de Deus do Monte Carmelo, que veneram os carmelitas com toda devoção em sua igreja, celeste patrona da cidade do Recife, ainda que seja Santo Antônio de Pádua o principal patrono de toda a diocese e da mesma cidade do Recife. Sua Santidade porém, recebendo mui amorosamente os votos dos suplicantes dignou-se declarar e constituir a santíssima Virgem do Monte Carmelo patrona menos principal da cidade do Recifense; e permitiu que a festa da Beatíssima Virgem do Carmo no dia 16 de julho seja celebrada sob o rito dúplice de segunda classe. Observadas as rubricas. Sem que obste nada em contrário, dia 25 de novembro de 1908.
>
> Z S D. Cardeal Cretoni Prej.
>
> D. Punici, Arcebispo Teodonense, secretário." (Prat, 1939, p. 24-25).

Em nota o Bispo de Olinda transcreve o agradecimento ao santo Padre, depois de uma grande e belíssima romaria[7], executada no dia 15 de Julho de 1908, dizendo:

> "A comunidade de Carmelitas, o povo do Recife, em união com o seu bispo olindense, perante vossos augustos pés agradecem a proclamação de Maria Santíssima do Carmo, como padroeira e imploram humildemente bênçãos apostólica." (Prat,1939, p. 23).

[7] Romaria esta, dirigida ao palácio do Bispado.

Convém notar no dia 10 de setembro de 1908, o Jornal do Recife, o seguinte trecho:

> "...O Sr. Bispo D.Luiz, que trabalhou pela instituição canônica de Nossa Senhora da Conceição para padroeira da diocese, não conseguiu ver realizados os seus intentos, pois antes de chegar ao Vaticano o seu pedido foi instituído padroeiro da mesma diocese Santo Antônio (Prat,1939, p. 15).

A festa da proclamação da padroeira do Recife.

Todos os anos, dia 16 de julho, é comemorado a tradicional festa da excelsa patrona da capital pernambucana à nossa Senhora do Carmo. A solene festa religiosa da cidade do Recife é esperado a cada ano pelos fiéis. Multidões se reúnem na frente da igreja, pois a Basílica do Carmo se torna pequena diante de tanta gente. Entretanto, da data que foi concretizada a proclamação da Santa como padroeira da cidade, houve mais de 3000 mil pessoas. Uma festividade inesquecível e magnífica e eloquente homenagem como nunca se via antes em toda história pernambucana. Vinha gente de toda as regiões do país para receber com universos aplausos cuja festa se estendeu ao anoitecer com diversos fogos de artifícios. Em que mais de 500 missas e várias comunhões foram realizadas, onde todas as classe sociais se encontraram cujas magnificência do vosso culto ao delírio dos vossos filhos fazia o povo fervilhar de fé e amor pela excelsa padroeira (Casanova, 1939, p.46-49).

Era tudo que o povo aguardava, a esperança da espiritualidade populacional se renova afrente das dificuldades materiais, isto é, a religiosidade da criatura cristã tem por necessidade mergulhar por vezes nesse período sagrado e inalterável. Pois o tempo sagrado torna possível a era habitual cuja duração profana se modifica uma toda existência humana. Em que a origem das realidades e da própria vida é religiosa. Pelo qual a morfologia da festa não é o foco interessante mas a estrutura do tempo sagrado que atualiza nas festas. Entretanto, é na festa que se reencontra a grandeza sagrada da vida, a dimensão da existência no compreender o significado religioso da repetição dos gestos divinos numa necessidade de se esforçar por viver cada vez mais perto de seus santos e santas (Eliade, 1999, p. 76-81).

Em sua magna festividade à Virgem do Carmo, no ano de 1923, o Estado assinou um decreto, considerando o dia da Excelsa padroeira do Recife oficializando o dia de feriado. Pois, nas demais repartições públicas federais na capital pernambucana seriam concedidos aos funcionários pontos facultativos de modo que no dia de Nossa Senhora

do Carmo não seria apenas um simples dia solene e espontaneamente santificado ou de unanime mas sim a festa sincera e grande magnifica comunhão de patriotismo e eloquente homenagem à padroeira (Casanova,1939, p.70-71), no respeitar da mesma ser Mãe, Cônjuge e filha do Nosso Senhor Jesus Cristo. Em comemoração dessa grandiosa festa mandaram os religiosos cunhar cinco mil medalhas de alumínio cuja face principal a efígie da Virgem Maria do Carmelo tendo no contorno a seguinte frase: Nossa Senhora do Carmo Padroeira do Recife, por Pio X, enquanto no verso, a fachada do templo do convento do Recife com a seguinte escrita: Igreja do Carmo – 16 de julho de 1909. (Prat,1939, p. 29).



(Capa de recordação da proclamação de Nossa Senhora do Carmo como padroeira da cidade do Recife-16/06/1909)

Fonte Ilustrada do livro do Tombo documentos relatados do Frei André Maria Prat do Arquivo do Carmo do Recife.



(Azulejo da Igreja – Santo Antônio com o menino Jesus)

Fonte Ilustrada do livro O convento de Santo Antônio do Recife do Frei Bonifácio Muller da Ordem Franciscana.

Vale ressaltar que nesta era foi também concedido quatro fatores homogêneos: a imagem de Nossa Senhora Guadalupe[8], Nossa Senhora de Lujan[9], Nossa Senhora da Aparecida[10], e a Nossa Senhora do Carmo[11] (Casanova,1939, p.40).

Referências:

Fonte:

Prat, André Maria; Artigo do Livro do Tombo do Arquivo do Convento do Carmo do Recife- ***notícias documentadas sobre a proclamação de N.S do Carmo do Recife***, Recife,1939.

Bibliografia:

Araújo, Maria das Graças Souza Aires de; ***Decadência e Restauração da Ordem Carmelitana em Pernambuco (1759-1953);*** Recife, 2007. Tese de Doutorada pela UFPE, CFCH História, Recife, 2000.

Artigo da Revista Eletrônica da Faculdade de Ciências Humanas de Neves, A. L; Mendonça Junior, J. L. ***Os edifícios religiosos e a estrutura urbana dos bairros de Santo Antônio e São José. – 1654-1800.*** Humanae, v. 1, n. 1, p. 1-13, set, 2007.

[8] No ano de 1531, Nossa Senhora Guadalupe apareceu ao índio Juan Diego, em Guadalupe no México. Segundo a gesta eclesiástica, o nativo chamado de Juanito - carinhosamente pela santa - ao se levantar na calada da noite para assistir uma missa numa igreja próximo de sua habitação, deu- se de encontro com a Santíssima Mãe de Deus cujo fato o índio ficou designado em transmitir uma mensagem ao Bispo da Cidade do México de construir um templo sobre a esplanada. Cujo sinal até hoje pendura no sagrado templo um manto estampado, a imagem da Virgem Maria (Roman, Ernesto N;2003, p. 43-45).

[9] Em 1632 na argentina, precisamente perto de Lujan, um cidadão português que tinha mandado fazer uma estátua da Virgem. Na sua jornada o mesmo não consegui prosseguir em seu destino por causa de uma travessia fluvial deixando a estátua com um agricultor no qual foi aguardado por um escravo durante 40 anos cujo passar dos tempos, logo foi efetuado uma capela em sua homenagem (Roman, Ernesto N; 20013, p. 50-51).

[10] Na segunda semana de outubro de 1717; um pescador denominado de João Alves acompanhado de seu amigo Felipe Pedroso, lançou no Rio paraíba próximo no porto Itaguaçu uma rede e nela capturou uma imagem de Nossa Senhora, sem a cabeça que momentos depois novamente jogou a rede no rio e apanhou nela, a cabeça da mesma imagem. Após o acontecido pescaram uma enorme quantidade de peixes, tal surpresa milagrosa, inesperadamente sem ação, voltaram para casa com sua humilde canoa pelo medo de afundarem com o peso. Em 1929, proclamada Rainha do Brasil. No ano 1931 aclamada Rainha e padroeira do Brasil no Rio de Janeiro. (Roman, Ernesto N; 2003, p. 53-54) Todavia, sua proclamação de padroeira constituiu também no Estado de São Paulo (Casanova, 1939, p. 40).

[11] A mãe de Deus apareceu ao eremita Simão Stock-1165 a 1265- em 16 de julho de 1251 e lhe entregou o escapulário, como símbolo de união com a Virgem Maria e como sinal de devoção e de pertença a ela (Roman; Ernesto N, 2003, p. 33).

Costa, Francisco Augusto Pereira da, ***Anais Pernambucanos 1740-1794.*** V.6; FUNDARPE, Recife, 1984.

Eliade, Mircea, ***O sagrado e o profano.*** Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

Espín, Orlando O. ***A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular***; ed. Paulinas, São Paulo,2000.

Hornaert, Eduardo; História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, período colonial, 5ª ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro,2008.

Joseph Maria, Casanova, ***Convento e Basílica do Carmo do Recife***; O Carm. Provincialis, Typ.do diário da Manhã, Recife- 1939.

Martins, José da Silva; ***Santo Antônio de Lisboa, de Coimbra, de Pádua e de todo o mundo.*** Ed: Martins Claret, São Paulo, 1983.

Muller, Bonifácio (1890-1963); ***Convento de Santo Antônio do Recife-1606-1956***/ Bonifácio Mueller; prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello/ 2 ed. – Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

Pereira da Costa, Francisco Augusto, ***Anais Pernambucanos 1740-1794.*** V.6; FUNDARPE, Recife, 1984.

Pereira da Costa, F.A; ***A Ordem Carmelitana em Pernambuco***, prefácio de Mauro Mota. Arquivo Público Estadual, Recife, 1976.

Pio, Fernando; ***O convento do Carmo e a Reforma Turônica no Brasil (1906 – 1987)***; Comissão Organizadora e executiva das Comemorações do IV Centenário do Povoamento de Goiana.

Roman, Ernesto N; ***Aparições de Nossa Senhora – suas mensagens e milagres***, 4ª edição, editora Paulus, São Paulo, 2003.

Sciadini, Patricio - OCD; O carmelo***: História e Espiritualidade***.2ª ed. Pela Editora Loyola, Ipiranga – São Paulo –SP, & Edições Carmelitanas; São Roque - SP, 1997.